

Emoções registradas, o que podem nos dizer:

uma análise de dossiês institucionais a partir da Antropologia das Emoções¹

Handiara Oliveira dos Santos (PUCRS-RS)

Palavras-Chave: Antropologia das Emoções, Documentos Institucionais, Acolhimento Institucional

Introdução

Desde a década de 90 o acolhimento institucional tem lugar importante nas inúmeras discussões sobre formação e proteção de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, por isso são dignas de relevância dentro dos estudos acadêmicos. Como instituição de acolhimento abordada neste trabalho, entende-se como um serviço de acolhimento destinado a crianças e adolescentes em medidas protetivas por determinação judicial, em decorrência de violação de direitos como; o abandono, negligência e violência, assim como quando a família está impossibilitada de cuidar e proteger (BRASIL, 2015). Esta medida faz parte de estratégias de proteção, que encaminham estas crianças e adolescentes a serviços de acolhimento até que sua família se reconstitua e possa recebê-la novamente ou em algumas situações são integradas no cadastro nacional de adoção, aguardando por um lar mais propício ao seu desenvolvimento. O ambiente de acolhimento normalmente recebe crianças de diferentes faixas etárias, onde compartilham quartos, sala de televisão, refeitório, até mesmo a ida a escola etc., o que contribui para que esses espaços de convivência sejam marcados por uma intensidade de afetos.

Esta pesquisa se inicia a partir da minha atuação no projeto de iniciação científica² da PUCRS intitulado *Tempos e circulação no acolhimento institucional de crianças e adolescentes*³. Ao exercer algumas atividades na instituição situada na região metropolitana de Porto Alegre, fui motivada a iniciar estudos antropológicos que

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² Programa de bolsa para Alunos da Graduação com objetivo de estimular na participação em projetos de pesquisa.

³ Projeto com coordenação da Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro, financiado pela PUCRS.

discutem sobre infância, juventude como também metodologias etnográficas. Durante a fase de tratamento de dados sobre os registros arquivados da instituição pesquisada, observei uma quantidade de emoções e sentimentos mencionados em diversos documentos dos acolhidos, o que despertou meu interesse, sendo em documentos institucionais entendi da relevância das informações e suspeitei que as emoções registradas ali, também seriam.

Para melhor compreensão da análise das emoções que elaboro, trago sobre a corrente contextualista da Antropologia das emoções, a saber o conceito de micropolítica das emoções base da minha análise. Conceito elaborado a partir das reflexões sobre as práticas discursivas de Foucault onde argumenta que são as práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. (FOUCAULT, 2008, p. 58). Esta perspectiva entende que a emoção existe principalmente a partir do contexto, emergindo das relações e situações de interação, considerando também a cultura, a sociedade e o momento histórico em que se ambienta. Orientando assim as emoções no âmbito das relações de poder, como potenciais influenciadoras na geração das emoções, afastando assim a ideia essencialista de que as emoções seriam somente estímulos descontrolados como reações corporais. Diante disso, esta pesquisa irá considerar o contexto sociocultural de desenvolvimento da criança em situação de acolhimento, com quem está interagindo no instante em que expressa as emoções, como também o momento e o local que ocorre a interação.

A metodologia utilizada neste estudo consistiu na análise de um terço do arquivo completo da instituição totalizando 100 dossiês pesquisados. O arquivo reúne informações de entrada e saída do acolhido, dados pessoais, prontuários médicos, relatórios e anotações feitas ao longo do acolhimento e acompanhamento da instituição. São registros de controle interno, mas também fundamentam a documentação enviada às instituições judiciais. Por se tratar de uma análise em documentos utilizei a metodologia da etnografia documental, que ao questionar o ato de documentar, proporciona reflexões sobre as regras e os contextos em que são produzidos. (LOWENKRON; FERREIRA, 2020). Neste texto trarei parte da sistematização de dados e trechos dos dossiês a fim de colaborar na visualização e entendimento das interpretações que desenvolvi sobre os resultados das dinâmicas relacionais e emocionais. Identificando os atores nesse sistema do acolhimento institucional como; os responsáveis pelos acolhidos, a equipe técnica e instituições jurídicas. Dessa forma reflito sobre duas questões que pretendo explorar ao

longo deste trabalho, as emoções são registradas a quais propósitos? O que os registros feitos permitem acompanhar?

Emoções, acolhimento e registros

Os estudos desenvolvidos pela Antropologia das Emoções nos ajudam a entender as emoções a partir de um lugar localizado em relação as suas expressões da vida cotidiana, onde sofrem influências de outras relações principalmente as denominadas relações de poder (COELHO; REZENDE, 2011), nas ponderações das autoras sobre o conceito percebe-se o quanto [...] a qualificação de pessoas como mais emotivas revela-se elemento de relações de poder nas quais se justifica a subjugação da parte mais fraca em virtude de seu menor controle das emoções, demonstrando a dimensão micropolítica dos sentimentos (COELHO; REZENDE, 2010, p.26). Coelho (2010, p.266) complementa que a “[...] dimensão micropolítica das emoções, ou seja, a capacidade que a emoção tem de atualizar, na vivência subjetiva dos indivíduos, aspectos de nível macro da organização”. Diante desse entendimento sobre as emoções e olhando através do acolhimento institucional, precisamos lembrar que as crianças além de suas particularidades vividas, tem-se o âmbito do acolhimento e a partir dessa combinação de fatores e relações é que elas irão desenvolver suas emoções. Onde a singularidade da expressão do lugar, do indivíduo e de quem recebe tem a ver com o fator “micro” das relações. Logo o interlocutor terá um papel importante no desenrolar dessa expressão junto de outros demais fatores, a reação partirá dessa relação e contexto. Portanto a micropolítica das emoções trata de relações de poder e assim as entende [...] como práticas discursivas permeadas por negociações de poder. (REZENDE, 2002, p.70).

De acordo com Cláudia Rezende e Maria Cláudia Coelho é de suma importância a compreensão sobre a complementaridade da ação entre emoção, corpo e razão, sendo influenciados pela cultura e sociedade em que se está inserido, acontecendo com adultos, idosos e crianças. Como aqui falaremos sobre crianças e adolescentes é preciso comentar da resistência sobre a agência destes jovens, principalmente as crianças e a ideia naturalizada de suas emoções, as autoras nos trazem exemplos de como ocorre esse discurso; “As crianças são vistas como mais emotivas, pois ainda não desenvolveram seu domínio da razão” (COELHO; REZENDE, 2011). Diante dessa perspectiva, trago de forma a colaborar as teorias da Antropologia da Criança que as entende como possuidoras de agência, refletindo na racionalidade ao expressar as suas emoções sejam intensas ou

não. Parto do mesmo entendimento dos estudos contemporâneos sobre a infância, dois pontos basilares que convergem com as perspectivas da Antropologia das Emoções, o primeiro tem a ver com a agência que a criança possui, sendo assim deve ser considerada como ator social, onde atua na construção e reprodução da sua forma de ser e de vivência. Em segundo é a forma de entender infâncias como múltiplas, a fim de combater o universalismo do ser criança, rebatendo a ideia de natureza única e biológica, como se fosse somente uma fase do desenvolvimento humano para se chegar ao adulto (COHN, 2005). Ou seja, considera as construções locais como muito relevantes, abarcando todo o processo histórico, social, cultural e geográfico onde ela cresceu, que influência em seu modo de ser criança.

Instituições são organizadas de maneira hierárquica causando assimetrias nas expressões de sentimentos, tanto das crianças e adolescentes, quanto dos familiares ou responsáveis. Segundo Rezende (2002), são relações específicas, regidas pelo poder que envolvem inúmeros fatores a partir dos quais constroem-se discursos e experiências. É sabido que majoritariamente quem passa por instituições de acolhimento, são oriundas de extratos da sociedade que possuem carência financeira e de estrutura, onde muitas estão na extrema pobreza. Esses fatores influenciará a maneira com que crianças e adolescentes expressem suas emoções, e mais uma vez se percebe o quanto o contexto social se faz importante na compreensão principalmente se estamos falando de registros de emoções feitas por alguém que entende a necessidade de mencionar, formando toda a narrativa do momento.

A etnografia de documentos surgiu como uma alternativa interessante diante das restrições sanitárias devido á pandemia do novo coronavírus, que inviabilizava a observação participante que era a metodologia inicial do estudo, por este motivo direcionei a pesquisa totalmente para os documentos. Apesar de enfrentar algumas dificuldades no levantamento bibliográfico dessa metodologia e como muito bem aponta Letícia e Laura, autoras que tratam desse campo metodológico de que “ainda não é fácil encontrar trabalhos acadêmicos que discutam ou ofereçam um levantamento mais sistemático sobre os caminhos teóricos-metodológicos desenvolvidos e adotados na etnografia de documentos” (LOWENKRON; FERREIRA, 2020, p.5). Ainda em seus estudos é possível compreender as contribuições que essa metodologia pode proporcionar às pesquisas acadêmicas, primordialmente por mostrar a importância como prática

cultural, o ambiente em que se registra e arquiva e por oferecer diferentes reflexões sobre o ato de registrar:

Nossas recentes experiências de pesquisa contribuíram para perceber que a análise etnográfica de documentos em seu espaço social de fabricação, circulação e arquivamento oferece um olhar privilegiado sobre o ato de documentar, isto é, sobre como ele é realizado, o que significa e que efeitos produz em diferentes contextos. (LOWENKRON; FERREIRA, 2020, p.18)

Abordarei agora sobre os documentos utilizados nesta pesquisa, suas informações, como e onde são armazenados. Localizado em uma pequena sala da diretoria da instituição ao lado de uma mesa de escritório, está uma estante de metal com caixas amarelas de plástico onde contém envelopes pardos, identificados pelo nome e data de nascimento, totalizando 300 dossiês. Pensando no curto tempo de pesquisa foi necessário efetuar uma seleção entre os envelopes, a partir de uma separação aleatória em que a cada três envelopes, abria-se um, considerando que 100 dossiês trariam diversidade suficiente sobre os acolhidos na instituição. Nos envelopes encontrou-se uma diversidade imensa de documentos como: solicitações do conselho tutelar, histórico de acompanhamento, certidão de nascimento, boletins de ocorrência, guia de acolhimento, registros escolares, receitas e prontuários médicos, registros jurídicos, relatórios de acompanhamento e planos de atendimento individual e familiar. Percebeu-se registros diferentes em cada envelope, uns com uma guia de entrada e nada mais, o caso era de uma criança acolhida somente por um dia, isto é, o tempo de permanência no acolhimento condizia com a quantidade e diversidade dos documentos armazenados. Importante saber que os registros possuíam além das informações do acolhido, também de familiares ou responsáveis pela criança e adolescente no momento do acolhimento.

Como a compilação destes registros resultou em inúmeras páginas e a tamanha complexidade destes dossiês que não seguiam uma cronologia, entendi que seria necessário a construção de um artefato analítico onde fosse possível enxergar de maneira mais ampla e inteligível. Por isso resolvi elaborar uma planilha com todas as informações basilares para a visualização das emoções e dos acolhidos, a sistematização de dados ocorreu em três fases, primeiro o levantamento das emoções, mensuração e organização da frequência, a segunda executei um agrupamento por sentidos similares. A fase final foi a mais detalhada junto do enquadramento das emoções registradas, aqui buscou-se

pelo momento ou causa em que aconteciam, desta forma tornou-se possível observar a quem correspondia as emoções e para quem possivelmente estavam sendo expressas.

Analisando a frequência e como a equipe técnica registrava os sentimentos, emoções e comportamentos foi possível identificar certas narrativas em suas anotações que buscavam medir a estabilidade ou instabilidade emocional das crianças e adolescentes, mas acabavam registrando também daqueles que fazia parte do círculo de responsáveis destes, o que nos direciona a um modo de controle da instituição. Os estudos de Koury (2005, p. 245) nos orientam durante a leitura analítica de tal forma a buscar por extratos que talvez não fossem percebidos ou entendidos como relevantes para a pesquisa:

[...] as redundâncias, ambivalências e ambiguidades do ato executado ou expresso, os silêncios, os discursos e narrativas fragmentados, os gestos e tiques que invariavelmente acompanham um diálogo ou informação e, às vezes, ampliam, modificam ou contextualizam além da própria frase os sentidos do que se quer expressar.

Um grande desafio é que estes questionamentos e é preciso estar ciente disso, são percepções registradas da equipe técnica o que serve para compreendermos alguns aspectos importantes na gestão do cotidiano desse local especificamente. Entendendo que os registros servem como norteadores para as decisões técnicas internas, externas e jurídicas ou seja, para a organização do ambiente, do amparo à família e principalmente decisões futuras sobre o acolhido.

Em termos quantitativos nos 100 dossiês analisados, aproximadamente 258 registros de emoções foram identificados, houve 41 dossiês sem nenhuma menção de emoções, 12 de todos os dossiês analisados não trazia emoções dos acolhidos, eram na verdade registros de emoções associados aos familiares ou responsáveis. Outros achados interessantes foram possíveis de enxergar a partir dessa sistematização de dados, a maioria das emoções descritas são opostas sendo: afetivo (a) e carinhoso (a), agressiva (o), violenta (o) e hostil. O que colabora com outra descoberta que coloca as emoções positivas e negativas quase que de maneira equilibrada 43% e 57% o que sinceramente despertou uma curiosidade. Gostaria de trazer também um dado interessante que não desenvolvi em minha pesquisa, mas espero que sirva como um incentivo para futuros estudos que cruzam gênero e Antropologia das Emoções, é a discrepância entre os dossiês com registros masculinos totalizando 71% contra 29% dos que diziam respeito à registros femininos. Sendo que em termos de sexo dos acolhidos o número de crianças e adolescentes é equilibrado.

Após a sistematização de dados consegui obter alguns resultados importantes como, as dinâmicas, os comportamentos e as emoções mais localizadas, porém senti que faltava algo, talvez um rosto, uma voz, e então percebi que precisava ir um pouco mais a fundo na empatia com essas trajetórias e por isso construí histórias a partir das informações que havia nos dossiês e das sistematizações de dados. Buscava por uma forma que me ajudasse a entender melhor as relações existentes, e assim gerar insumos mais palpáveis. Por justamente entender que as relações e o ambiente são fatores essenciais para a expressão das emoções, a elaboração das histórias seria uma forma interessante de localizar a micropolítica das emoções nas trajetórias de acolhimento para além dos registros propriamente dito. Em virtude do tempo hábil para o desenvolvimento deste trabalho, se mostrou impossível reconstituir cada história do dossiê analisado, então executei uma triagem, dos 100 dossiês escolhi 3 e os motivos dessa escolha foram; a quantidade de informações que precisavam ser suficientes para entender minimamente uma trajetória, as emoções registradas nos documentos deveriam ser na sua maioria do acolhido e que as três vivências de certa forma fossem distintas.

A minha intenção era tentar reconstituir algumas cenas em que as emoções afloram ou do instante em que a equipe técnica identifica a relevância da situação. Essa elaboração de histórias também ajuda a entender os benefícios da utilização da etnografia de documentos, pois ela proporciona a produção de narrativas etnográficas sobre cenas, eventos que não foram presenciados diretamente pelo pesquisador (LOWENKRON; FERREIRA, 2020). Em seguida estará de forma adaptada a sistematização de dados em forma de tabela, para que se tenha noção de como as menções das emoções estavam registradas, pensando em uma forma complementar de colaborar para o entendimento das histórias, das associações que consegui desenvolver entre os registros realizados pela equipe técnica e a convergência entre emoções registradas e o conceito de micropolítica das emoções.

Histórias de rejeição, necessidades e saudades: um pouco sobre as trajetórias dos acolhidos através dos registros.

Reações perante os abandonos

A primeira trajetória é sobre o Alessandro, assim que nasceu percorreu por lares diferentes, a casa da mãe, da avó e do pai, mas antes disso esteve por 10 anos em família adotiva não formalizada, assim que completou 10 anos de idade esta mesma família o

devolveu ao pai biológico. Com pais separados ambos com algum tipo de envolvimento com drogas ilícitas, a mãe morando em outra cidade onde construiu uma nova família com esposo e um filho, o pai já idoso, analfabeto, com passagem pela polícia, aposentado, mas ainda trabalha com reciclagem. Alessandro é o filho do meio com mais três irmãos, o caçula mora com a mãe, um deles mora com um primo e o mais velho já é casado e mora próximo da casa do pai.

Desde a sua chegada na casa de passagem que foi por meio de denúncias da escola, e durante todos os anos de acompanhamento pelo acolhimento o termo que mais recorrente nos registros foi o da *agressividade*. Sua família quando procurada o retratava como *desobediente e distante*, é descrito por tentativas de suicídio como se colocar embaixo de um carro, ameaças a sua família com objetos, ações que a família dizia não compreender a causa. A primeira medida da equipe do acolhimento foi encaminhar Alessandro para a psicóloga, conforme os registros consta que ele era *tímido e pouco socializado* demorando para se *soltar* e falar, a primeira coisa que conseguiu falar foi que “*fazia certas coisas porque brigavam com ele*”, no decorrer das consultas foi se *retraindo* e se negando a conversar, porém em uma das consultas estava *eufórico*.

Houve um momento na casa de passagem que o jovem consegue evadir, caminha na estrada por entre os carros e com uma garrafa em mãos ameaça se matar, em seguida *chora compulsivamente* sentado no acostamento, cenas como esta vão se repetir ao longo dos dossiês. A pedido de Alessandro e visando a reaproximação com o pai, a equipe realiza um encontro, era para ter passado o final de semana junto do pai, mas no fim do encontro ele prefere retornar ao acolhimento, assim que chegam da visita o irmão vai até o local e o acusa de ter roubado seu celular, o resultado disso é de muitas *agressões* dentro da instituição principalmente com os colegas. Entre as idas e vindas pela instituição, em que evadia ou ficava por um tempo na casa de algum familiar que decidia se responsabilizar, a cada retorno se notava o aumento das situações de *agressividade*, alternando suas reações em *descontrole e tranquilidade*. No auge dessas ações chegou a quebrar alguns materiais do acolhimento, quando questionado negava as ações e em nenhum momento demonstrava *arrependimento*.

Durante as visitas ao pai, que eram realizadas principalmente a pedido de Alessandro dizendo sentir *saudades*, ao se encontrarem e se abraçarem era percebido demonstrações de *afeto* de ambos. O que intrigava a equipe era o conflito entre a *saudade*,

mas o não querer ficar com o pai. Foram inúmeras as vezes em que Alessandro esteve no acolhimento, muitos anos acompanhando a sua chegada e ida dos diferentes ambientes familiares, documentos e ofícios ao juizado, registros que giram em torno do comportamento *agressivo*, seja na família ou durante o acolhimento. São muitas as situações registradas como negativas. As maneiras de registrar as emoções de Alessandro evidenciam as tentativas de manter a estabilidade e controle do jovem, mas muitos fatores não foram favoráveis para o êxito, tanto que os registros terminam com a informação de que não se sabe o paradeiro após a última evasão. Abaixo a tabela com emoções e informações de Alessandro;

Tabela 1: Emoções, sentimentos, comportamentos e informações adicionais do acolhido Alessandro.

Menções	Dossiê	De quem é a emoção	Observação
Afeto	Alessandro	Acolhido e pai	Encontro
Agressividade	Alessandro	Acolhido	Ao falar
Agressivo	Alessandro	Acolhido	Casa e acolhimento
Chorou	Alessandro	Acolhido	Durante discussões e evasão
Descontrole	Alessandro	Acolhido	Acolhimento
Destrutivos	Alessandro	Acolhido	Casa e acolhimento
Distante	Alessandro	Acolhido	Acolhimento
Distraído	Alessandro	Acolhido	Acolhimento
Eufórico	Alessandro	Acolhido	Acolhimento
Imaturidade	Alessandro	Acolhido	Casa e acolhimento
Saudade	Alessandro	Acolhido	Do pai
Tímido	Alessandro	Acolhido	Acolhimento
Tranquilidade	Alessandro	Acolhido	Acolhimento

Fonte: Adaptado de Santos (2020).

Sonha com o novo quarto e brinquedos

A história que busco tratar aqui é do Eduardo um menino de 3 anos que junto de mais dois irmãos vivem em situação de vulnerabilidade extrema, por serem acolhidos juntos as informações encontradas permeiam muitas vezes a trajetória dos três. No momento do acolhimento um irmão possuía menos de 1 ano de idade e o outro 5 anos. Quando a guia de acolhimento informa situação de vulnerabilidade extrema já é possível imaginar como viviam, mas equipe técnica registra demais informações como: condições insalubres, abandono de incapaz, negligência, omissão, como também a observação “mãe usuária de drogas e possui histórico de abrigamento e abandono”.

Os registros sobre como Eduardo estaria emocionalmente no acolhimento se iniciam com “*menos agressivo*” por ter visto o irmão, mas é possível acompanhar que em seguida vão se figurando em um rumo também negativo; *quieto, triste, isola-se e magoa-se*. Em algumas situações de conflito como discussões se esconde e em seguida apresenta *agressividade e raiva*. Devido a impossibilidade de retorno ao lar com a mãe, é decidido efetuar buscas por famílias adotivas que estivessem dispostas a adotar o grupo de irmãos. Realiza-se inúmeras conversas com Eduardo que retorna positivamente, apresentando aceitação sobre a possibilidade de adoção, mas existe uma preocupação do menino que é registrado pela equipe técnica, sobre poder estar junto de seu irmão, apresentando um forte vínculo *afetivo*. Após um período Eduardo questiona sobre a nova mãe, e estaria apresentando uma certa *ansiedade* para conhecer os novos pais, se engajando muito mais até na escola em que se dispôs a tirar foto para o dia dos pais. Os registros vão finalizando com informações de que ele estaria mais *ativo*, se expressando melhor com palavras algo registrado antes como escasso, a frase que mais estaria falando é a que “*sonha com o novo quarto de brinquedos*”. A seguir uma breve sistematização de dados do acolhido Eduardo;

Tabela 2: Emoções, sentimentos, comportamentos e informações adicionais do acolhido Eduardo.

Menções	Dossiê	De quem é a emoção	Observação
Afetivo	Eduardo	Acolhido	Com o irmão
Agressividade	Eduardo	Acolhido	Com os demais abrigados
Ansioso	Eduardo	Acolhido	Para conhecer seus novos pais
Ativo	Eduardo	Acolhido	Para conhecer seus novos pais
Choram	Eduardo	Acolhido	Antes do abrigo
Isola-se	Eduardo	Acolhido	Diante de discussões
Magoa-se	Eduardo	Acolhido	Diante de discussões
Menos agressivo	Eduardo	Acolhido	Depois de ver o irmão
Quietos	Eduardo	Acolhido	Antes de ver o irmão
Raiva	Eduardo	Acolhido	Com os demais abrigados
Triste	Eduardo	Acolhido	Antes de ver o irmão

Fonte: Adaptado de Santos (2020).

Quer passar o domingo com a mãe.

Uma curiosidade nos registros é a forma como são executados os acolhimentos, este em específico ocorre com um grupo de irmãos e permanecem juntos na casa, onde é desenvolvido um único registro para os irmãos gêmeos. O caso de Marcelo e Leonardo se trata do acolhimento mais longo das três histórias que conto, pois são 10 anos de

acompanhamento dos percursos, de acolhimento a adoção e retornos ao lar. De todos os 100 dossiês analisados este é o mais longo e detalhado, são registros de atendimento médico, psicológico e assistencial, receituários e acompanhamento a fins jurídicos. O acompanhamento inicia em 2003 com informações sobre a mãe possuir rejeição pós-parto, mas a entrada no acolhimento só acontece em meados de 2004 quando ocorre uma denúncia pelo posto de saúde, pois uma das crianças teria fraturado o braço, a enfermeira ao desconfiar efetuou a denúncia.

Na guia de acolhimento o motivo informado é de maus tratos, após uma conversa as crianças voltam para casa, passado um período a mãe entra em contato com o acolhimento e entrega os meninos, o motivo dado pela mãe teria sido o fato de o marido estar rejeitando as crianças. Após algumas visitas da equipe, conversas com os meninos, histórico e recomendações enviadas pelo acolhimento, é executado a destituição do poder familiar pelo Juiz, ao receberem a informação, os pais discordam das afirmações de que teriam agredido os filhos. Se passam alguns anos no acolhimento e as crianças entram para o cadastro de adoção, é feita tentativas de aproximação com casal habilitado e ocorre inicialmente a guarda. No ano seguinte este casal desiste da adoção alegando que os dois meninos seriam *hostis*, por esse fato acabam sendo acolhidos em uma outra instituição. É executado novas revisões sobre a situação das crianças, e devido a manifestação dos pais biológicos de receberem os filhos de volta ao lar, é executado algumas visitas domiciliares.

Algumas informações das conversas com os irmãos são registradas; Leonardo diz que *“incomodava, e que a mãe brigou comigo e com o Marcelo, só que nós queremos ficar com ela”*, durante essas conversas pedem a equipe que conversem com o juiz para que retornem ao lar, eles demonstram compreender como acontecem alguns encaminhamentos. Afirmam muitas vezes que *“incomodam as vezes sim, as vezes não”*. E comentam do tempo que moravam com os pais adotivos *“quando chegamos lá estava tudo bem, mas aí nós começamos a incomodar”*. Os dossiês mostram informações de que os irmãos estariam *tristes* por retornarem ao abrigo e não encontrar a mesma equipe; *“não estavam mais as pessoas que nós gostamos”*. A *agressividade* também é um termo muito encontrado nos registros, como também *brigas e agressões* e conforme a equipe os motivos seria o forte vínculo com a mãe, e por vezes repetiam; *“melhor coisa que eu quero é ficar com ela no domingo, todo mundo passa final de semana, sábado e eu com*

o Leonardo em casa”. Quando questionados sobre as suas reações afirmavam fazer por não poderem ver seus pais.

Marcelo e Leonardo seguem acolhidas por mais um longo tempo pois não se encontrava uma solução adequada no momento para as crianças, pois não havia a possibilidade de adoção já que a primeira não teria funcionado como o esperado e tão pouco o retorno à família ainda era vista como a melhor opção. Mas o resultado dessa permanência no acolhimento decorria com muitas atitudes de *agressão* e *revolta* dos meninos com qualquer pessoa do acolhimento. Diante da situação é realizada novas visitas domiciliares e então se identifica registros de emoções da mãe, como; *afeto* e *carinho*, já do pai se tem frases de que gostaria dos filhos em casa novamente e que “*gosta muito dos guris e sente falta deles*”.

A equipe técnica começa a registrar que a situação tanto no lar quanto da reaproximação familiar com as crianças está melhorando, e começam a perceber as modificações nos meninos, tanto que os registros começam a mudar de sentido, iniciam menções de *afeto*, *carinho*, e em seguida registram condições favoráveis da família neste momento em receber as crianças novamente no seu convívio. Em paralelo com as informações positivas sobre os meninos inicia-se um encaminhamento para consultas médicas e psicológicas devido à enorme *agitação*, e assim são receitados remédios para acalmá-los. Após a utilização dos remédios são mencionados a *calma* do Leonardo perante o acolhimento, mas que persistia a *agressividade* contra o irmão Marcelo.

Alguns anos se passam e se encontram registros das crianças sobre o quanto gostariam de “*voltar para a minha família*”. Os registros finais possuem as conclusões da equipe sobre o destino das crianças, os fatores de risco apresentados não seriam tão danosos quanto persistir no afastamento das crianças ao convívio familiar, sendo necessário um novo acompanhamento mais sistemático da cidade que a família então estaria residindo. A equipe indica o acompanhamento social efetivo com atendimento psiquiátrico para a mãe e as crianças. A partir dos pareceres apresentados pela equipe do acolhimento, é efetivado o retorno a casa dos pais atendendo dessa forma melhor aos interesses dos meninos, ocorrendo assim o fim do acompanhamento do acolhimento institucional com as crianças. Abaixo a tabela dos registros de emoções, sentimentos e comportamentos dos irmãos;

Tabela 3: Emoções, sentimentos, comportamentos e informações adicionais dos acolhidos Marcelo e Leonardo.

Menções	Dossiê	De quem é a emoção	Observação
Afetividade	Marcelo/Leonardo	Acolhido	Com os pais
Afinidade	Marcelo/Leonardo	Acolhido	Acolhimento
Agressividade	Marcelo/Leonardo	Acolhido	Acolhimento, adoção
Agressivo	Marcelo/Leonardo	Acolhido	acolhimento, adoção
Alegre	Marcelo/Leonardo	Acolhido	Notícias dos irmãos
Atitudes provocativas	Marcelo/Leonardo	Acolhido	Pais adotivos
Calmo	Marcelo/Leonardo	Acolhido	Ao ver os pais, medicação
Desobediência	Marcelo/Leonardo	Acolhido	Pais adotivos
Emocional	Marcelo/Leonardo	Acolhido	Com os pais
Gostamos	Marcelo/Leonardo	Acolhido	Da equipe
Gostaria	Marcelo/Leonardo	Acolhido	Com os pais
Hostis	Marcelo/Leonardo	Acolhido	Pais adotivos
Queixosa	Marcelo/Leonardo	Acolhido	No acolhimento
Revolta	Marcelo/Leonardo	Acolhido	No acolhimento

Fonte: Adaptado de Santos (2020).

Conclusão

Como Rezende e Coelho trazem “o monopólio da força física pelo Estado, bem como a estabilidade de suas instituições centrais, favoreceu também a contenção emocional como trato psicológico significativo.” (REZENDE; COELHO, 2010. p, 105). E foi justamente o que mais se revelou durante a análise dos registros, onde as emoções ali mencionadas servem como ferramentas de controle auxiliando no acompanhamento da estabilidade das crianças e adolescentes, sendo assim estas menções se tornam um dado importante nas providências para o futuro dos acolhidos na instituição. Esse controle identificado nos registros e conseqüentemente fruto das relações cotidianas são maneiras de demonstrar ao estado a eficiência da instituição e por isso, o controle se faz componente principal das relações de poder. Claudia Rezende (2002), em seu artigo “Mágoas da Amizade: um ensaio sobre Antropologia das Emoções” comenta um trecho das autoras Lutz e Abu (1990), falando sobre o fator emocional como meio de controle e mensuração: “O discurso emotivo seria, portanto, “uma forma de ação social que cria

efeitos no mundo, efeitos estes que são interpretados de um modo culturalmente informado pelo público dessa fala emotiva”.

Foi muito interessante perceber ao longo da análise o quanto o cruzamento com a teoria da Antropologia das Emoções ajudou na identificação de dinâmicas, comportamentos e conseqüentemente sistemas de controle. Já a metodologia de documentos alçou maior compreensão sobre o quanto documentos podem nos revelar informações fundamentais e por isso faz muito sentido o que as autoras Ferreira e Lowenkron (2020) nos dizem sobre as capacidades dos documentos: “não só registram realidades pré-existentes, mas também são tecnologias centrais na produção e fabricação das realidades que governam, sejam elas corpos, territórios, relações.”. A micropolítica das emoções ajudou na localização dos pontos de compreensão entre a expressão da emoção e a situação, sendo possível assim identificar as relações de poder agindo no cotidiano. Os seguintes trechos dos dossiês demonstram estes achados:

[...] ele alterna em descontrole e tranquilidade, chegou a quebrar uma caixa de som e alguns ventiladores, acaba negando o que faz e não demonstra arrependimento. Foi necessário iniciar tratamentos com medicação para controlar suas reações. [...] A situação vai piorando com o tempo, e não sendo possível controlar o adolescente, a direção busca outro local que possa acolhê-lo. Em outubro de 2008, os gêmeos Leonardo e Marcelo, foram encaminhados para uma consulta no posto de saúde, devido à enorme agitação, sendo receitado remédios para acalmá-los. (SANTOS, 2020)

Reações muito particulares diante de situações pontuais são identificadas também, o mesmo conceito ajuda muito nesse olhar mais analítico e sensível na busca para entender que tipo de relação poderia estar acontecendo naquele instante da emoção percebida e posteriormente registrada pela equipe. É preciso comentar também que para além dos acolhidos o controle recai sobre os familiares e responsáveis destas crianças e adolescentes e por isso nos deparamos com inúmeros registros de emoções destas pessoas no decorrer do acompanhamento da instituição. Sabemos que os mecanismos de controle não permanecem exclusivamente no contexto do acolhimento, mas estes registros nos sugerem como acontecem e porque: a) proporcionar segurança no ambiente para o retorno do acolhido; b) reestruturação de uma família considerada fora do padrão esperado pela sociedade e suas políticas.

Outro ponto a comentar é sobre os termos que se referem a comportamentos como; incomodar/ hostil/desobedecer, estas menções acompanharam os registros que tratam da rejeição dos adultos, recurso usado pelos irmãos gêmeos, conforme informações encontradas nos dossiês, na busca para impedir que a adoção efetuassem. Esse fato pode

nos sinalizar algo importante sobre os documentos, de que estes registros reforçaram de certa forma o parecer para que as crianças retornem aos pais, e aponta também a atuação das crianças perante as situações, agindo assim conscientemente sobre as suas emoções. Em certos dossiês havia trechos que possuíam maiores detalhes sobre a situação, ao unir com o histórico da criança disposto nos mesmos registros colaborava muito para compreender tais reações, como por exemplo:

Eduardo está quieto, triste, isola-se e magoa-se. Diante de uma cena que presenciou, onde a diretora e a secretária teriam discutido, ele esconde-se no telhado ao lado da caixa de água. Inicia-se cenas de agressividade e raiva, a cada momento de desentendimento com os outros. (SANTOS, 2020)

A micropolítica das emoções permeia pelos registros, seja nas emoções registradas ou nas informações das situações, do locutor, compreendendo assim que a intenção possivelmente já estava definida, mostrando que a emoção não surgiu repentinamente. Rezende e Coelho, tratam dessa comunicação entre intenção e emoção/sentimento, mostrando que a intencionalidade tem a ver com os sentimentos expressos, indicando autenticidade sobre as emoções e sentimentos. “A intenção é entendida como autêntica, como reveladora dos verdadeiros sentimentos que uma pessoa tem[...]” (REZENDE; COELHO, 2010, p, 104).

Ainda como exemplo do quanto os registros das emoções orientam as decisões tomadas pela equipe, visto que ao notarem que a criança está quieta, triste e isolada decidem por buscar alternativas que possam melhorar esse quadro, no caso do Eduardo, segunda história contada em que se inicia um processo de apadrinhamento afetivo. Aqui se tem uma ótima demonstração do potencial e valor das emoções, devendo assim se tornar mais foco de pesquisas do que algo periférico.

[...] a antropologia das emoções permite assim pensarmos também na configuração e dinâmica de “complexos” emocionais, tais como os pares amorciúme ou humilhação-raiva, abrindo mais um leque de objetos de reflexão. Os sentimentos, tantas vezes definidos como o oposto da racionalidade, podem ser muito, muito bons para pensar” (REZENDE; COELHO, 2010. P. 128 e 129).

Estudar documentos foi uma caixa de surpresas pois também identifiquei elementos relevantes na análise, a saber; a predominância de emoções registradas em dossiês identificados como do sexo masculino em comparação dos registros nomeados como do sexo feminino, mesmo que a quantidade dos dossiês analisados se aproxima de uma quantidade igual sobre sexo. Apesar da importância da questão que abrange gênero entendo que necessita de uma abordagem mais aprofundada no sentido de pesquisa de campo, como observações participantes e entrevistas, além de uma abordagem teórica a

partir dos estudos de gênero, diante disso deixo como indicação a futuras pesquisas que abordem acolhimento institucional e emoções.

Durante a sistematização de dados onde em uma das etapas realizei a classificação por enquadramentos que sugerem ser positivos ou negativos e se mostraram na quantidade dos achados de maneira equilibrada. Informação que pode parecer intrigante e por isso se faz necessário trazer o que Fonseca e Schuch (2009), falam sobre estudos das ciências sociais que são realizados em instituições que tratam de crianças “abandonadas” ou infratoras, e que por muitas vezes tendem a enfatizar de forma crítica ou de denúncia ao sistema institucional, gerando sempre esse olhar de que todas funcionam da mesma forma e possuem na sua maioria resultados negativos, permeando assim concepções generalizadas. Porém, os registros institucionais são permeados por um cotidiano no qual coexistem situações carregadas de emoções associadas a conflitos e afetividade ao longo da convivência. E talvez esteja aí mais um motivo para se estudar as emoções e os documentos nos mostrando as tramas relacionais na sua complexidade, assim nos permitindo o desenvolvimento de análises de maneira a não reduzir contextos institucionais a velhos estereótipos, mas sim entendendo todo o sistema interno e externo de poder que os rege.

Passando para os assuntos finais, acho importante deixar o leitor ciente de que este texto deriva de uma tese de conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais e boa parte da pesquisa foi desenvolvida durante a pandemia, contemplando a análise e escrita, outras etapas precisaram ser remodeladas, adaptadas outras descartadas como a observação participante e entrevistas que eram o foco inicial como metodologia de campo. É impossível não comentar o quanto a pandemia gerou a respeito de emoções como; medo, preocupação, ansiedade devido ao isolamento, entre os demais sentimentos e emoções que ficaram ainda mais intensos. Talvez se perceba ou não a influência sobre as escolhas e a forma de contar a pesquisa, infelizmente precisei nessa versão encurtar reflexões e abreviar informações, mas espero ter trazidos os fatores principais dos achados e entendimentos.

Por fim gostaria de comentar um pouco mais sobre as contribuições da Antropologia das Emoções, onde proporcionou novas possibilidades de interpretação e construção das emoções como objeto de análise socioantropológica, (COELHO, 2010), incentivando discussões mais profundas e singulares, “[...] no esforço da desnaturalização

das emoções enquanto sentimentos universais e naturais.”, (CARNEIRO, 2013). E pretendendo-se assim [...] discutir as emoções como problemas antropológicos, destacando a sua participação como produtora e transformadora de dinâmicas sociais (VÍCTORA; COELHO, 2019).

As emoções ganharam maiores relevâncias nos últimos anos principalmente a partir da pandemia, mas independente disso as possibilidades de se trabalhar emoções é de uma magnitude infinita pois onde se tem indivíduos se tem emoções, ou seja, qualquer ambiente ou situação é factível de uma análise a partir da Antropologia das Emoções. Os desafios estão presentes em toda e qualquer pesquisa, como identificar emoções das pessoas mesmo usando máscaras, ainda muito utilizada ou como foi meu caso, em isolamento durante a pesquisa, a minha alternativa foi destrinchar os documentos, o que se mostrou muito interessante. Minha expectativa é que este estudo sirva como incentivo à futuras pesquisas trazendo novas abordagens e perspectivas de interpretação das emoções a partir da Antropologia e de outras áreas também, por que não?

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Cidadania. Secretária Especial do Desenvolvimento Social. **Serviços de Acolhimento para Crianças, Adolescentes e Jovens**. Brasília, DF: Ministério da Cidadania, 2015. Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/assistencia-social/unidades-de-atendimento/unidades-de-acolhimento/servicos-de-acolhimento-para-criancas-adolescentes-e-jovens>. Acesso em: 04 dez. 2020.

CARNEIRO, Rosamaria. **Antropologia das emoções: retomando concepções e consolidando campos**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

COELHO, Maria Cláudia. **Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções**. Mana, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 265-285, 2010.

COELHO, Maria Cláudia Pereira; REZENDE, Cláudia Barcellos. **Antropologia das emoções**. [s. l.]: Editora FGV, 2010.

COELHO, Maria Cláudia; REZENDE, Cláudia Barcellos. **Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: [s. n.], 2011.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.

FONSECA, Claudia; SCHUCH, Patrice. **Políticas de proteção à infância: um olhar antropológico**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. tradução de Luiz Felipe Baeta neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **A antropologia das emoções no Brasil**. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, [s. l.], v. 4, n. 12, p. 239-252, 2005.

LOWENKRON, Laura; FERREIRA, Leticia. **Etnografia de documentos: Pesquisas antropológicas entre papéis, carimbos e burocracias**. Rio de Janeiro: Editora Faperj, 2020.

REZENDE, Claudia Barcellos. **Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções**. Mana, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 69-89, 2002.

SANTOS, Handiara Oliveira dos. **REGISTRANDO SENTIMENTOS: UMA ANÁLISE DE DOSSIÊS INSTITUCIONAIS A PARTIR DA ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES**. Porto Alegre. PUCRS, 2020.

VÍCTORA, Ceres; COELHO, Maria Claudia. **A antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão**. Horizontes Antropológicos, [s. l.], n. 54, p. 7-21, 2019.